

## O PERSONAGEM VIRTUAL

O personagem não existe sem paisagem.

O personagem é imponderável.

Uma conjectura, uma pergunta:

Sem um guarda-chuva e sem um rosto.

E todavia, como não

vê-lo?

Mais do que um vulto

a figura se desenha entre as palavras.

Talvez respire e ouse

e o Tempo o Espaço o configurem.

Talvez empunhe enfim o guarda-chuva

Mas se ele caminha já

(numa avenida a uma hora tal)

serei eu que o invento?

Se ele respira, se o sol o aquece já?

Eu olho-o aqui e vou com ele

no seu ténue percurso

quase intenso.

A rua em que marcha define-o.

As árvores de que necessita

caminham com ele

e atravessam-no.

Para onde vai?

Ninguém o vê

(pois só aqui o distinguimos

entre ramos claros

de palavras).

O personagem é uma travessia intensa.

Mas imperscrutável

o seu rosto,

não secreto mas aberto e vago.

A cor dos olhos, por exemplo?

Castanhos, azuis?

Só depende

de uma arbitrária palavra.

Quem o decide agora diz são verdes.

E ei-los visíveis,

ei-los transparentes.

Adormecendo, procura como que

uma folha perdida, branca.

Como se a vida fosse lisa

respira um sono à beira de água.

Acordá-lo seria destruí-lo.

Agora ele é o bafo da folhagem,

uma pedra sem arestas e sem nome,

um campo de murmúrios,

um começo infinito.

Quem é o personagem? Quem escreve?

Ele é a interrogação e o desejo.

Eu nada sei. Ele nada sabe.

E ambos continuamos como se.

Dir-se-á um jogo e sem razão.

Nunca se preenche essa vazia casa.

E eu e ele de fora sem figura,

não somos mais do que um trajecto inútil.

Mas talvez, por vezes, no quadrado

sejamos a imagem um do outro.

Ambos nos transformámos, ambos somos.

Mas quem somos?

Alguém nos indicou no espelho. E nós olhámos

o estranho homem que desceu as escadas.

Eu não sou tu. Tu não virás se

eu não souber

transformar a ignorância no trajecto

das palavras à imagem

nua.

Ambos nos separamos, confundidos.

Não somos mais que esta passagem única

mas agora quem escreve sou eu ou tu

e somos ambos a pergunta viva.

Não é o meu amigo ou semelhante,

não é mais que um projecto, uma passagem.

Ele marca-me com a sua ausência

e todavia

ele é a evidência do processo.

Se o encontrasse, não, não o encontraria.

E ele diz-me bom-dia agora mesmo.

Por ironia? Não. Porque se escreve

sob

o obscuro impulso

que o transforma

nas palavras mesmas com que o vejo.

Acende-se o desejo e é tão precária a voz!

Ou ainda não tão pobre que se ouça

na humidade da erva, na limpidez do ar.

Quem me desperta? Quem sou eu? Quem somos nós?

Nele tudo se conjugaria, essencial.

O quotidiano e a palavra idêntica.

Mas o destino e a liberdade nascem

na distorção das linhas, nos encontros.

Eu não sou a voz do personagem mudo.

Entre o interior e o exterior confundo-o.

Se passa além, nas árvores, se o distingo

sou eu ainda que o desenho ou crio.

Pobre invenção, visão tão pobre!

Serei igual a ti, na confusão ou não.

Porque estou só, com todos, todos sós.

A ordem é uma sombra noutra sombra

que movimentam as páginas e os membros.

A face é de papel, de olhar oblíquo.

O sol congelou-se. A solidão.

A mão inventa então outro calor

da página. Onde a quietude

seja outro sol na sombra de um só dia.

É este o fumo, o som, a cor, a terra.

É este o todo das palavras todas

renascidas da sede: nada e nada.

Palavras sem as torres, mas desastres

de um planeta esquecido agora surto.

E assim se ordena em sombra o personagem.

Não lhe perguntem nada, pois ele é a pergunta

de todas a mais una, a mais ardente.

O personagem viola as leis da tarde

e é ele a tarde mesma, o seu desvio.

As andorinhas morrem. Ele revive

na paixão da palavra: a andorinha.

Não se eleva jamais do rasto frio

que tem o dia. Mas junta-lhe outro fio

e outro calor que é a cor de outras palavras,

cores da cor, numa unidade múltipla.

Surge o jornal do dia azul e verde,

surge a glória de um sol na cabeleira

da rapariga à esquina, zebra alta,

gozo do dia e rapidez do vento.

O personagem viola uma viola

no vento. O personagem sabe

descobrir um coração de literato.

Não é a carne que se rasga nem a dor,

mas o humor universal de um só momento,

concerto de matizes, mortes, vozes,

desastres entre nuvens, velocidades,

crimes, cópulas, distinções confusas,

icebergs, insónias. Palavras e palavras

que reúnem os factos num só acto,

todas as sombras nas sombras deste sono

e um silêncio final de madrugada.

Poem by António Ramos Rosa from *A Nuvem Sobre a Página* (1978), translation by João-Maria.

## THE VIRTUAL CHARACTER

The character does not exist without landscape.

The character is imponderable.

A conjecture, a question:

Without an umbrella and without a face.

And however, how to not

see it?

More than a shadow

the figure draws itself amid the words.

Perhaps it breathes and dares

and is configured by Time and Space.

Perhaps it wields the umbrella at last

But if it walks yet

(in an avenue at a certain hour)

may it be that I invent it?

If it breathes, if the sun warms it already?

I watch it here and go along

in its tenuous route

almost intense.

The street in which it walks defines it.

The trees that it needs

walk with it

and through it.

Where does it go?

Nobody sees it

(so only here we distinguish it

between clear branches

of words).

The character is an intense crossing.

But inscrutable

its visage,

not hidden but open and vague.

The colour of its eyes, for example?

Brown, blue?

It only depends

on an arbitrary word.

Who now decided claims them to be green.

And behold them visible,

behold them transparent.

Dozing off, it seeks as if

a lost page, white.

As if life were smooth

it breathes a sleep by the water's edge.

To wake it up would be to destroy it.

Now it is the breath of the foliage,

an edgeless and nameless stone,

a field of murmurs,

an infinite start.

Who is the character? Who writes?

It is the interrogation and the desire.

I know nothing. It knows nothing.

And we both continue as if.

One may call it a game and without reason.

One can never fill in that empty house.

And I and it outside and figureless,

we aren't more than a useless path.

But perhaps, sometimes, in the square

we might mirror one another.

We both transformed ourselves, we both are.

But who are we?

Someone marked us in the mirror. And we looked

at the strange man down the staircase.

I am not you. You will not come if

I do not know

to transform ignorance in a path

from words to the nude

image.

We both separated, dazed.

We are not more than this single passage

but now who writes is me and you

and we are both the living question.

It isn't my friend or my fellow,

it isn't more than a project, a passage.

It marks me with its absence

and nevertheless

it is the evidence of the process.

If I were to find it, no, I wouldn't find it.

It tells me good-day as we speak.

With irony? No. Because it writes

under

the obscure impulse

that transforms it

into the same words with which I see it.

Desire flares up and so precarious a voice!

Or still not so poor that it can't be listened to

in the grass's dampness, in the air's limpidity.

Who awakens me? Who am I? Who are we?

In it everything would conjugate itself, essential.

The quotidian and the identical word.

But destiny and liberty are birthed

in the distortion of lines, in the junctions.

I am not the voice of the mute character.

Between interior and exterior I get it confused.

If it crosses beyond, in the trees, if I find it

it is still me who designs and creates it.

Poor invention, so poor a vision!

I shall equal you, confused or not.

Since I'm alone, with everyone, everyone alone.

The order is a shadow within a shadow

which moves the pages and the limbs.

The front is of paper, with obliquitous stare.

The sun froze. The solitude.

The hand invents then another heat

from the page. Where the quietude

is another sun in the shade of a single day.

This is the smoke, the sound, the colour, the earth.

This is the whole of every word

rebirthed from thirst: nothing and nothing.

Words without the towers, but disasters

from a forgotten planet now anchored.

And so it is shade commanded into character.

Don't ask it how, for it is the question

of all the most singular, the most burning.

The character breaks the laws of evening

and not it is itself evening, its deviation.

The swallows die. It revives

in the word's passion: the swallow.

It never elevates from the cold trace

of the day. But adds to it another string

and another heat which is colour from other words,

colour of colour, in a manifolded unity.

Arises the paper from the blue and green day,

arises the glory of a sun in your head,

of the girl in the corner, tall zebra,

the joy of a day and swiftness of wind.

The character violates a guitar

in the wind. A character knows

how to discover the heart of a literate.

It isn't flesh that rips nor is it pain,

but the universal mood of a single moment,

a concert of hues, deaths, voices,

disasters amid clouds, velocities,

crimes, copulas, confusing distinctions,

icebergs, insomnias. Words and words

which gather the facts in a single act,

every shadow in the shadows of this sleep

and a final silence at dawn.